



ISSN 1988-7833
<https://doi.org/10.51896/CCS>

CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES

latindex IDEAS EconPapers DOAJ Dialnet

“PASSOS PERDIDOS”: A PROSTITUIÇÃO FEMININA DA CIDADE DE PLANALTINA (DF)

Patrícia dos Santos Dias

Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

pdias181@globo.com

Marília Luiza Peluso

peluso@unb.br

Pesquisadora colaboradora sênior da Universidade de Brasília (UNB)

Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Geografia

Eugênia Maria Dantas

Professora titular da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Departamento de Geografia

eugeniadantas@yahoo.com.br

Para citar este artículo puede utilizar el siguiente formato:

Patrícia dos Santos Dias, Marília Luiza Peluso y Eugênia Maria Dantas: “Passos perdidos”: a prostituição feminina da cidade de Planaltina (DF)”, Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales, (Vol 1, Nº 4 abril 2021, pp. 25-42). En línea:

<https://www.eumed.net/es/revistas/contribuciones-ciencias-sociales/abril-2021/passos-perdidos-prostituicao>

RESUMO

Este artigo tem por objetivo compreender – em uma perspectiva interdisciplinar, articulando a Geografia com outras áreas do saber, especialmente com a História – a organização socioespacial da prostituição feminina na cidade de Planaltina (Distrito Federal, Brasil) nos anos de 1998 e 1999. Entre as principais áreas de prostituição feminina identificadas no Distrito Federal (Brasil), a cidade-satélite de Planaltina destacava-se por apresentar uma prostituição feminina do tipo tradicional ou “clássica”, voltada para o atendimento em casas de prostituição/bares. A metodologia adotada, constituiu-se em uma abordagem predominantemente qualitativa. Foi possível, através de observação e entrevistas, caracterizar a prostituição feminina da cidade, e identificar a ocorrência de uma intervenção institucional sobre o território de prostituição que impactou nas atividades das mulheres que ali atuavam. A partir deste estudo, foi possível compreender que as prostitutas possuem grande capacidade de adequar-se às cidades, tornando pouco eficazes as intervenções estatais forçadas e que não consideram os interesses do grupo. Com isso, busca-se estimular a

Recibido: 22/02/2021 Corregido: 15/04/2021 Publicado: 19/04/2021

superação da visão do território de prostituição "per si", para vislumbrá-la como um local de vida e sentimentos.

Palavras-chaves: Prostituição feminina, Território, Espaço Urbano, Planaltina.

"PASOS PERDIDOS": LA PROSTITUCIÓN FEMENINA EN LA CIUDAD DE PLANALTINA (DF)

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo comprender - en una perspectiva interdisciplinaria, articulando la Geografía con otras áreas del conocimiento, especialmente con la Historia - la organización socioespacial de la prostitución femenina en la ciudad de Planaltina (Distrito Federal, Brasil) en los años 1998 y 1999. Entre las principales áreas de prostitución femenina identificadas en el Distrito Federal (Brasil), la ciudad satélite de Planaltina se destacó por presentar una prostitución femenina de tipo tradicional o "clásica", destinada a servir en casas / bares de prostitución. La metodología adoptada fue un enfoque predominantemente cualitativo. Fue posible, a través de la observación y las entrevistas, caracterizar la prostitución femenina en la ciudad, e identificar la ocurrencia de una intervención institucional en el territorio de la prostitución que impactó en las actividades de las mujeres que allí trabajaban. A partir de este estudio, se pudo comprender que las prostitutas tienen una gran capacidad de adaptación a las ciudades, lo que hace ineficaces las intervenciones estatales forzadas y que no consideran los intereses del grupo. Con ello, se busca estimular la superación de la visión del territorio de la prostitución "per se", para vislumbrarlo como un lugar de vida y sentimientos.

Palabras clave: Prostitución femenina, Territorio, Espacio Urbano, Planaltina.

"LOST STEPS": THE FEMALE PROSTITUTION IN THE CITY OF PLANALTINA (DF)

ABSTRACT

This article aims to understand - in an interdisciplinary perspective, articulating Geography with other areas of knowledge, especially with History - the socio-spatial organization of female prostitution in the city of Planaltina (Federal District, Brazil) in the years 1998 and 1999. Between the main areas of female prostitution identified in the Federal District (Brazil), the satellite city of Planaltina stood out for presenting a female prostitution of the traditional or "classic" type, aimed at for care in prostitution houses / bars. The adopted methodology, constituted in a predominantly qualitative approach. It was possible, through observation and interviews, to characterize female prostitution in the city, and to identify the occurrence of an institutional intervention on the territory of prostitution that impacted on the activities of the women who worked there. From this study, it was possible to understand that

prostitutes have a great capacity to adapt to cities, making forced state interventions ineffective and that do not consider the group's interests. With this, we seek to stimulate the overcoming of the view of the territory of prostitution "per se", to envision it as a place of life and feelings.

Keywords: Female prostitution, Territory, Urban Space, Planaltina.

INTRODUÇÃO

Em 1922, Oswald de Andrade publicou o romance *Os Condenados* (Andrade, 1970). Este romance foi o primeiro volume da trilogia do Exílio, a ser completada pelas obras *A Estrela de Absinto* e *A Escada de Jacó*. Em 1941, a trilogia foi relançada em volume único, com o título do primeiro romance, o qual passou a denominar-se *Alma*¹. *Alma*, personagem do romance homônimo, era uma prostituta de um bordel decadente, localizado em bairro distante do centro. Além de *Alma*, são personagens *Mauro* (um gigolô) e *João do Carmo* (o telegrafista). *Alma* ama *Mauro*, este, por sua vez, a humilha e *João do Carmo* ama *Alma* por quem é rejeitado.

Os personagens criados pelo romancista evidenciam características da prostituição atrelada à vida urbana. A evolução da cidade vai se confundindo com a decadência da prostituição e da vida, de maneira que, em determinados momentos, a narrativa da prostituição confunde-se com a da cidade e vice-versa. O cabaré torna-se o campo discursivo sobre o qual se desenvolve a tragédia da vida em sua face decadente.

*Luzia Margareth Rago*², em um artigo belíssimo (Rago, 1987), aproxima a Geografia da literatura e da arte ao analisar a obra *Os Condenados* em seu artigo "Prazer e Perdição", comparando-a com *Madame Pommery*, de *Hilário Tácito* (Tácito, 1977). Neste romance, diferentemente da trilogia de Oswald, a imagem do bordel aparece como uma máquina sofisticada. A cidade de São Paulo, ambiente de ambos os romances, modifica-se para melhor, após a chegada de *Madame Pommery*, que introduz novos hábitos e impõe regras novas e mais refinadas de comportamento. Para Rago (1987), enquanto *Hilário* propõe o Paraíso, Oswald vê o inferno. Seriam duas concepções do urbano e do social, dois imaginários.

A construção de uma imagem da cidade de São Paulo e da prostituição nos anos 20, a partir de territórios diferentes de prostituição, como fizeram Oswald de Andrade e *Hilário Tácito*, mostram-se, portanto, complementares e não excludentes, porque, apesar de as análises dos autores terem sido construídas com base em tipologias de prostituição e pontos da cidade específicos, elas refletiam a realidade do conjunto da cidade de São Paulo, que abarcava a prostituição sofisticada e o "baixo" meretrício.

As pesquisas sobre essa temática têm revelado que as tipologias criadas pelos escritores romancistas foram ampliadas, acompanhando a complexidade estrutural das áreas urbanas (prostituição em apartamentos, parques, áreas de lazer, áreas de casas residenciais, hotéis, boates, praças, ruas etc.) e da própria sociedade. A prostituição se especializou no atendimento,

1 Observações de Martins da Silva Brito, em "O aluno de romance de Oswald de Andrade" In: Andrade (1970).

2 Margareth Rago é doutora em História pela Universidade de Campinas.

diversificando-se em relação ao público (empresários, políticos, turistas, pobres ou ricos) e se atualizando no contexto e usos das novas tecnologias e/ou dispositivos da vida contemporânea (internet, contato por telefone, publicações em jornais de grande circulação e até mesmo em revistas e jornais especializados).

Tais aspectos servem para exemplificar a complexa dinâmica da prostituição nas cidades que deve ser considerada em estudos e que não se excluem, mas fazem parte de um todo urbano. O que mais marca, porém, é que as representações da prostituição ainda continuam carregadas de aspectos negativos, bem como as áreas da cidade em que os(as) profissionais do sexo se instalam de forma visível. Esses lugares são ruas, bairros, setores (de diversão, de hotéis, boates etc.), muitas vezes desvalorizados em relação a outras áreas da cidade.

Nas cidades brasileiras (desde pequenos povoados a metrópoles), essa profissão se adapta e se desenvolve acompanhando a função urbana (cidade turística, portuária, industrial etc.) e toda a carga socioespacial e cultural que a cidade historicamente carrega. É inegável que são muitas as formas de prostituição, cada uma com uma lógica própria de funcionamento, em virtude das múltiplas combinações de elementos caracterizadores – espaciais, temporais, socioculturais, tecnológicos, individuais e econômicos.

Em relação à prostituição na capital do Brasil, Brasília, existia nos seus primórdios uma homogeneização da prostituição que era predominantemente feminina, praticada por mulheres que atendiam em casas e bares adaptados para a prática da prostituição. Durante e após a construção da cidade, vários núcleos populacionais foram criados e passaram a "gravitar" em torno do núcleo principal, o Plano Piloto. A prostituição, então, desenvolveu-se e acompanhou o surgimento dos novos núcleos urbanos. Desse modo, a prostituição que fora outrora exclusivamente feminina e adulta, passou a feminina e masculina, adulta e infantil. Os locais de prostituição também se diversificaram, expandiram-se para além de bares e pensões. Hoje, com o uso da internet, pode atingir os espaços mais variados e num exíguo espaço territorial de 5.783 km², o DF consegue representar o complexo retrato da prostituição na sociedade brasileira.

Neste artigo, apresentaremos detalhes da vida cotidiana e da organização espacial das mulheres que se prostituíam na cidade de Planaltina (DF) no final dos anos 1990. As características da prostituição aqui examinadas fazem parte da pesquisa realizada com prostitutas femininas no contexto dos anos de 1998 e 1999³. Como veremos a seguir, nesse período ocorreu forte intervenção institucional⁴ sobre o território de prostituição que impactou nas atividades das mulheres que ali atuavam. Esse fato refletiu diretamente nas características da prostituição que ali se instalou, na sua evolução e na sua decadência, motivo pelo qual selecionamos para estudo.

Para a construção da percepção do que estava acontecendo na atividade das profissionais do sexo da cidade naquele período, os aspectos simbólicos e discursivos foram considerados. O levantamento de dados de campo resultou em monografia de graduação e dissertação de mestrado

³ O Núcleo de Estudos de Saúde Pública da Universidade de Brasília (NESP, UnB) realizou a pesquisa (NESP, 1999) num momento em que alguns grupos se encontravam em situação de maior exposição ao risco da infecção ao HIV/Aids, como era o caso das mulheres profissionais do sexo. O material coletado e utilizado parcialmente por Dias (1999, 2003) foi recuperado para elaboração deste artigo com a finalidade de contribuir para a análise atual e futura da dinâmica da prostituição feminina de Planaltina (DF) e da relação espaço-tempo.

⁴ Resultante do Processo n° 4.543/94.

da autora Dias (2003) sendo este artigo um extrato desse trabalho. Ressaltamos que a pesquisa foi construída com participação de Dias (1999, 2003) em uma atuação interdisciplinar com equipe interdisciplinar de pesquisadores do Núcleo de Estudos de Saúde Pública da Universidade de Brasília - NESP (1999).

Para o estudo de caso de Planaltina, na ocasião da pesquisa (entre 1998 e 1999), foram realizadas observações e 16 entrevistas com um grupo de prostitutas – material rico e único, que será apresentado neste artigo. O grupo focal⁵ foi a técnica aplicada considerando os seguintes procedimentos básicos: contato com informantes-chave, escolha de recrutadores/as, seleção dos/as participantes, elaboração e testagem de roteiro semi-estruturado, escola e preparação da equipe de moderadores/as da discussão do grupo e o registro das discussões⁶. Trechos das entrevistas realizadas foram selecionados e serão apresentados neste artigo para ilustrar a dinâmica espacial e o pensamento das mulheres profissionais do sexo à época e que configuravam mudanças que aconteciam na atividade e no território de prostituição no período.

Assim, este artigo, com uma perspectiva interdisciplinar, articulando a Geografia com outras áreas do saber, especialmente com a História, procura contribuir para o enriquecimento do debate e da percepção sobre o impacto de ações de intervenção em territórios de prostituição feminina nas cidades a partir do estudo de caso de Planaltina (DF). Procuramos ainda ressaltar a necessidade de se voltar às origens para melhor entender a prostituição de uma cidade na atualidade, pois o entendimento atual é um processo cumulativo, formado pelo conhecimento da prostituição, ao longo do tempo transformada, destruída, reconstruída, enfim, produzida pelas transformações sociais.

1. A PROSTITUIÇÃO FEMININA EM PLANALTINA – DF

Na VI Região Administrativa (RA) do Distrito Federal, está situada a cidade-satélite de Planaltina. A origem dessa cidade ocorreu por volta de 1790, quando um descendente de bandeirantes, conhecido como Mestre D'Armas, instalou-se à beira de um riacho. O Sítio de Mestre D'Armas, em 1810, abrigava cerca de 200 famílias. Em 1910, a Vila de Mestre D'Armas recebeu a denominação de Vila de Altamir e, em 1917, passou a chamar-se Planaltina. Em 1955, o quadrilátero do DF foi delimitado, abrangendo parte do município de Planaltina, até então pertencente apenas a cidade de Goiana. A parte não anexada ao DF continuou a pertencer ao Estado de Goiás, com o nome de Planaltina de Goiás. Planaltina, portanto, por causa de sua história e herança goiana diferencia-se das outras cidades que compõem o Distrito Federal.

Segundo informam Rocha e Oliveira (2001), a prostituição feminina em Planaltina teria iniciado com a fundação da cidade, motivada pela grande presença de aventureiros que procuravam diversão, bebidas e mulheres. A ZBM (zona de baixo meretrício⁷) teria se instalado inicialmente em uma rua denominada Coronel Quirino e, posteriormente, por volta de 1918, passou a funcionar na avenida

⁵ Um grupo focal é um método de pesquisa qualitativa que reúne participantes em uma entrevista, na qual expõem opiniões sobre determinado tema.

⁶ O protocolo de pesquisa adotado pelo NESP (UnB) foi submetido a Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Brasília. Os bancos de dados completos são de propriedade do NESP/Unb que autorizou o acesso e utilização dos dados qualitativos com finalidade acadêmica por Dias (1999, 2003).

⁷ Zona é popularmente aplicado para referência ao espaço de meretrício ou prostituição.

Marechal Deodoro, uma das principais avenidas da cidade de Planaltina. Na década de 20, ainda na mesma cidade, com a criação de charqueadas (indústrias de beneficiamento de couro e fábricas de calçados) a prostituição feminina no local atraía muitas pessoas do campo.

Em relação à prostituição na cidade, Anjos Jr. (1980, p. 22) apresenta Planaltina como um caso único de "baixo" meretrício no Distrito Federal, com características bastante particulares, pelo "fato de a zona estar totalmente incrustada na cidade, misturando-se as casas 'de família' às 'casas de mulheres'". Os autores atribuem o crescimento da zona na cidade de Planaltina à construção de Brasília, sobretudo a partir de 1957. A zona, assim como a cidade, passou a ter um funcionamento intensamente ligado à dinâmica da nova cidade, por atender uma grande quantidade de homens que saíam em busca de lazer e diversão, o que na época era raro no Plano Piloto. "A zona de Planaltina tornou-se fator fundamental de entrada de dinheiro para a cidade, que anteriormente detinha atividades econômicas estabelecidas em moldes tradicionais".

A década de 1960 foi o auge da ZBM, muitos clientes e muitas mulheres frequentavam a avenida Marechal Deodoro (Rocha & Oliveira, 2001). Até a década de 1970, um grande número de casas de prostituição já estavam funcionando e muitas pessoas frequentavam a ZBM (Zona de Baixo Meretrício), não só os pioneiros da construção de Brasília, pessoas da zona rural e das cidades vizinhas, mas também soldados do exército. Segundo aponta Rocha e Oliveira (2001), por meio de informações retiradas do Correio Brasiliense⁸ de junho de 1979, a ZBM era composta por 20 casas funcionando com 230 mulheres, em média. Encontravam-se cerca de 500 mulheres todas as noites na ZBM. O crescimento da ZBM, entretanto, não passaria despercebido pelos moradores da cidade.

O fato de a zona de prostituição estar localizada numa importante avenida da cidade de Planaltina provocou, desde seu início, intervenções dos setores mais moralistas, com o objetivo de confiná-la a um setor mais afastado. Como comenta Anjos Jr. (1980), era evidente a preocupação do comércio, por exemplo, com a possível retirada da zona, pois a área era geradora de renda para os comerciantes. Os conflitos entre os interessados em manter e em retirar a prostituição, área estavam ligados aos benefícios e prejuízos provocados pela sua proximidade. Enquanto os comerciantes, beneficiados pelos lucros obtidos, não se interessavam em deslocá-la, os moradores, que tinham suas residências associadas à zona, procuravam desestruturar a área.

Mesmo com o constante interesse de muitos pela retirada das mulheres da avenida Marechal Deodoro, até a década de 1980, a ZBM resistiu, como explica Rocha e Oliveira (2001):

Na década de 80, o fenômeno da ZBM, apesar de algumas pressões, resistiu. Houve um investimento no setor habitacional na área: reforma e ampliação das residências, promovendo maiores e melhores acomodações para os frequentadores. Em 1980, existiam 17 casas e 187 mulheres 'registradas', levando-se a supor que existia uma população permanente, incluindo os responsáveis pelos estabelecimentos e outra de aproximadamente 400 pessoas, prestando serviço diuturno àqueles que procuravam o local (Projeto do serviço Social/HRP, 1994).

⁸ Correio Braziliense é um importante jornal com sede em Brasília, fundado no dia 21 de abril de 1960, juntamente com a inauguração da cidade.

Na década de 1990, inicia-se o processo de decadência da ZBM. No ano de 1998, de acordo com levantamento realizado pelo NESP, com participação de Dias (2003), a única área de prostituição feminina tradicional do DF estava localizada em Planaltina. Nesse período, existiram várias tentativas de acabar com a prostituição na avenida Marechal Deodoro, mas que não tiveram sucesso. Até uma linha de ônibus foi colocada para passar dentro da avenida Marechal Deodoro para que a população fosse aos poucos ocupando aquele território e a zona fosse naturalmente eliminada (Dias, 2003).

Entre 1998 e 1999, nessa área, ainda era encontrada a Zona de Baixo Meretrício Clássica (antiga Luz Vermelha) na avenida Marechal Deodoro⁹. A cidade cresceu em torno da área de comércio sexual. Houve deslocamento efetivo do centro para as proximidades do ambiente de comércio sexual feminino, onde podem ser vistas casas nobres, comércio forte e igrejas. A "Rua da Prostituição", a assim chamada avenida Marechal Deodoro, estava em um setor valorizado em Planaltina e servia como referência, o que causava a desvalorização de outros imóveis.

Contudo, foi ao final da década de 1990, especialmente no ano de 1998, que uma forte tentativa de acabar com a ZBM de Planaltina produziu impactos na rotina e na organização social e espacial das mulheres que ali viviam. Tramitava um processo movido pelo Ministério Público do DF contra as(os) proprietárias(os) das casas de prostituição. O Processo nº 4.543/94, disponível no Fórum da cidade, incluía 22 réus (Tabela 1), entre os quais estavam antigos(as) proprietários(as) de casas na Zona de Meretrício (ruas Eugênio Jardim e Quintino Bocaiúva, na avenida Marechal Deodoro). Eles estavam sendo processados por infringência ao artigo 229 do Código Penal Brasileiro, tráfico ilícito de substâncias entorpecentes e a prostituição infantil.

Outras irregularidades foram apontadas, tais como falta de emissão de nota fiscal e caixa registradora, ausência de alvará de funcionamento, ausência de inscrição no cadastro fiscal do governo local e cadastro da empresa. Em 1999, uma determinação judicial interditou os quartos, tanto para realização dos programas, quanto para residência. A avenida Marechal Deodoro entrou em decadência, muitas casas foram abandonadas e iniciou-se uma pressão da comunidade local sobre a área. Não apenas pressão psicológica, mas também urbana.

Tabela 1

Identificação dos(as) proprietários(as) de casas na ZBM de Planaltina no ano de 1998.

Nº*	Sexo	Idade 1998	Estado de origem	Relação entre local de trabalho e moradia	Tempo aproximado de atuação no mesmo estabelecimento
1	F	44	MG	Bar: local de trabalho e residência	7 anos
2	F	62	MG	Bar: local de trabalho e residência	19 anos
3	F	54	GO	Bar: local de trabalho e residência	9 anos
4	F	59	BA	Bar: local de trabalho e residência	15 anos
5	M	50	DF	Bar: local de trabalho e residência	6 anos
6	M	41	MG	Bar: local de trabalho e residência	6 anos

⁹ Casas adaptadas para a prática da prostituição.

7	M	41	CE	Bar: local de trabalho	5 anos
8	F	55	SP	Bar: local de trabalho e residência	13 anos
9	F	56	GO	Bar: local de trabalho e residência	7 anos
10	F	46	GO	Bar: local de trabalho e residência	18 anos
11	F	54	GO	Bar: local de trabalho e residência	3 anos
12	F	37	GO	Bar: local de trabalho e residência	6 anos
13	F	37	GO	Bar: local de trabalho e residência	18 anos
14	F	46	GO	Bar: local de trabalho e residência	8 anos
15	M	-	-	-	7 anos
16	F	52	GO	Bar: local de trabalho e residência	14 anos
17	M				3 anos
18	F	33	GO	Bar: local de trabalho e residência	4 anos
19	M	45	-	Bar: local de trabalho	6 anos
20	M	-	-	-	6 anos
21	M	-	-	Bar: local de trabalho	6 anos
22	F	37			

Fonte: Processo nº 4.543/94 - Vara Criminal - Fórum de Planaltina.

* o número segue a ordem de apresentação dos réus no processo.

Na Tabela 1, é possível observar que, em 1998, a grande maioria dos(as) donos(as) de bares localizados na ZBM, eram do sexo feminino e provenientes de outros estados, especialmente do estado de Goiás, e moravam e trabalhavam no local há pelo menos 5 anos, O Delegado responsável pela Delegacia de Diversões Públicas¹⁰ explicou que a prostituição em Planaltina estava sendo combatida, tanto por eles quanto pelo juiz local. Quartos foram desativados, diminuindo de forma considerável a prostituição no local naquele ano (Dias, 2003). Nesse período, ainda eram encontradas em torno de 7 a 8 casas. Eram na verdade bares que nos fundos encontram-se inúmeros quartos (em média 6, podendo chegar até 15 quartos).

Após o desenrolar do processo, já no ano de 1999, novos fatos complicaram a permanência dos donos dos bares que insistiam em se manter no local, e, por conseguinte, das mulheres que se prostituíam neles.

Em 1999, a pedido do juiz criminal de Planaltina, Ademar da Silva Vasconcelos, foram revogados os alvarás de funcionamento dos bares da ZBM. Como a prostituição em si não é crime, a ação do poder público foi em relação às pessoas que mantinham casas de prostituição. (Rocha & Oliveira, 2001).

Para compreensão desse momento de forte decadência da prostituição feminina na cidade (1998-1999), apresentaremos, a seguir, elementos do cotidiano dessas mulheres, por meio de uma seleção de trechos de entrevistas com um grupo de 16 prostitutas – material rico e único, que consideramos

¹⁰ O decreto nº 21069, de 14 de março de 2000 transformou a Delegacia de Costumes e Diversões Públicas da estrutura orgânica da Polícia Civil do Distrito Federal, em Delegacia de repressão ao latrocínio (DRL) e dá outras providências.

uma valiosa oportunidade de recuperar a opinião e configurar a cartografia da existência dessas mulheres, ou seja, a dinâmica do território de prostituição e a relação espaço-tempo. Como veremos, mudanças acontecem na prostituição feminina de Planaltina (DF) durante os anos de 1998 e 1999 que irão refletir na posterior organização socioespacial das profissionais do sexo de Planaltina. Essas alterações exigiram uma (re)construção da vida cotidiana das mulheres que perderam seu local de trabalho (avenida Marechal Deodoro).

2. "PASSOS PERDIDOS": A DECADÊNCIA DA PROSTITUIÇÃO FEMININA DE PLANALTINA – DF (1998-1999)

Em 1999, por meio da pesquisa "Comércio Sexual Feminino e Epidemia do HIV/Aids no Distrito Federal e Entorno" (NESP/UnB), foram aplicados 16 questionários com mulheres na cidade de Planaltina (DF). O grupo focal foi considerado a técnica adequada para a apreensão de conteúdo baseados na credibilidade, na compreensão de sistemas de crenças e nas representações que não são verbalizadas claramente, necessitando de estímulos externos para serem explicitadas. Um questionário de apoio serviu para a coleta de dados demográficos, de características familiares e conhecimento da atividade profissional (com a detecção de aspectos como renda, organização, práticas sexuais, saúde, doenças e facilidades de acesso aos serviços de saúde)¹¹.

A seguir foram selecionados trechos das entrevistas, para melhor ilustrar a dinâmica e pensamento do grupo a respeito dos diferentes temas. A participação das mulheres nas entrevistas foi voluntária. No grupo focal, os mediadores responsáveis (MR)¹² dirigiam questões para o conjunto de mulheres que, em seguida, sem ordem definida, respondiam. Os recortes das falas, portanto, foram separados por ordem de intervenção após os questionamentos e não por mulher entrevistada (M1 – primeira mulher a falar, M2 – segunda mulher a falar).

A faixa etária estudada se concentrou entre de 21 a 25 anos. Apenas uma entrevistada possuía 19 anos e outra 49. Destaca-se que as entrevistadas em Planaltina (DF) eram de centros urbanos do Nordeste e da própria região Centro-Oeste, especialmente de Goiás¹³. Segundo Moraes (2000), um bom número de mulheres preferia desempenhar este trabalho longe da comunidade de origem, como forma de encobrir a identidade deteriorada. As mulheres saem da cidade de origem em busca do "Eldorado" que era Brasília e acabavam por fixarem moradia em Planaltina nos bares-cabarés.

Algumas mulheres viam o deslocamento para o DF como algo natural, próprio de alguém que parte à procura da realização de um sonho. Outras, no entanto, eram incentivadas por pessoas que atuavam na prostituição na região, especialmente em Planaltina. Em ambos os casos, para muitas prostitutas, a atividade aparecia como algo novo.

M1 Eu saí da minha casa, vim do Maranhão para cá, fui morar no Paranoá. Um dia eu vim passear em Planaltina, achei bonitinha uma casa ali, voltei e fiquei lá 8 anos.

¹¹ Esse é um material rico de informações que não foi publicado à época e que sua recuperação se mostra oportuna para que geógrafos e outros pesquisadores interessados no tema tenham, ao observar a atual configuração da prostituição feminina da cidade-satélite de Planaltina (DF), informações que permitam estabelecer uma comparação espaço-temporal.

¹² Agradecimentos aos mediadores e pesquisadores Kátia Maria Guimarães de Andrade e João Marcos Jungmann de Andrade (NESP/UnB).

¹³ Diferentemente do que foi identificado na pesquisa realizada por Moraes (2000), em que a maioria das mulheres da Vila Mimosa, no Rio de Janeiro, eram dos centros urbanos da região Sudeste.

MR Mas você já estava na profissão?

M1 Não, nunca tinha entrado. (...) Quando eu cheguei, eu vi, gostei, fiquei, né! Eu vim do Maranhão para cá, não tinha emprego, não tinha documento, não tinha nada. É difícil quando a gente chega. A gente que chega de fora quer uma vida melhor, mas é muito difícil de arrumar um emprego. (...) Aí eu fiquei [na prostituição]...

M2 Eu já vim sabendo! Eu fiquei com medo. Quando cheguei aqui que tinha aquele monte de quarto. Nunca tinha visto aquilo na minha vida... Ela me trouxe. Não, aliás, ela veio lá do meu estado... Quando eu cheguei aqui, eu assustei, né. Aquele tanto de quarto, aquela mulherada...

MR Quer dizer que você começou aqui em Planaltina?

M1 A gente começou aqui e começou a ganhar dinheiro, né, Margareth?

Havia também a mulher que se cansara de ganhar pouco, que não via oportunidades na cidade de origem e que queria melhorar de vida. Esse desejo a encorajava, inclusive, a rejeitar outros tipos de trabalho. A maioria das entrevistadas revelou o desempenho de outras atividades, também marcadas pela informalidade, como os serviços domésticos, considerados profissionalmente e financeiramente insatisfatórios. Em seus discursos, foi possível identificar uma representação negativa da atividade doméstica, ligada à exploração e ao salário indigno¹⁴. A insatisfação com essa atividade também impulsionava a entrada na prostituição, pois proporcionava uma remuneração melhor.

M1 Ah, eu vim pra cá trabalhar de doméstica. Aí minhas coleguinhas iam para lá e ganhavam mais do que eu. Aí eu falei: Ah, vou também.

M2 E sabe por que que é? Eu repeti a 5ª série dez anos. Aí eu peguei e desgostei, isto é, porque eu era mal em matemática. Aí eu falei assim: de doméstica é que eu não vou trabalhar, né!

Observamos que as prostitutas de Planaltina haviam abandonado a cidade de origem para alcançar o "Eldorado". Apesar disso, a realidade na nova cidade, mostrava-se diferente do sonho. Sendo assim, aliada à mudança para o DF, vinham também a dificuldade de encontrar emprego na cidade "nova". Segundo o discurso das entrevistadas, a falta de alternativas e as exigências dos empregadores corroboravam para uma aproximação maior dos trabalhos mais estigmatizados, como é o caso da prostituição e da doméstica.

A atividade era tradicionalmente realizada em casas, ofereciam moradia, clientela fixa e baixo custo de vida. Nessa cidade, a maioria das mulheres exercia a atividade de forma regular, não-eventual, em todos os dias da semana, portanto, assumindo-a como profissão. Quanto ao período de permanência, verificava-se que grande parte das prostitutas já estavam na cidade há pelo menos um ano (NESP, 1999). Esses fatores favoreciam a continuidade das mulheres no local e a constituição de um território relativamente estável.

Outros grupos de mulheres se organizavam em diferentes localidades do DF constituindo outros territórios de prostituição com características diferentes das encontradas em Planaltina (Dias, 2003) e

¹⁴ Moraes também observou essa representação na Vila Mimosá: "nos relatos de suas experiências, [as mulheres] fazem menção a uma situação que é tida como opressora no desempenho de outras funções, principalmente o emprego doméstico, em oposição à atividade na zona, que é vista como de relativa liberdade se comparada com a situação profissional vivenciada anteriormente" (2000, p. 75).

por serem "cíclicos" (exigia que a mulher se deslocasse para a prática da prostituição), dificultavam a manutenção das mulheres naqueles lugares. Isso aconteceu especialmente com aquelas oriundas de outras regiões do país que chegam ao DF desprovidas de moradia e carentes de recursos financeiros; não poderiam, portanto, manter o deslocamento entre centro e periferia.

O fato de o território de prostituição de Planaltina (DF) ser permanente cooperava para a composição de uma identidade entre as mulheres e o território, pois elas passavam a ter vida, cotidiano e rotina associados à cidade e às pessoas da "zona". Por esse motivo, uma intervenção para a retirada forçada dessas mulheres provocava impactos reais, porque alterava não só a realização da atividade em si, mas alterava a moradia, impactava nos laços de afetividade, na rotina de filhos, por exemplo. No tocante à família, a maioria das entrevistadas tinha filhos (apenas duas, do total de 16, não possuíam) (NESP, 1999). Observe:

MR **Quem tem filhos aqui?**

M1 *Eu tenho 2 filhos.*

M2 *Ela tem filhos, todo mundo aqui tem.*

MR **De que idade?**

M1 *A minha filha tem 5 meses.*

M2 *Os meus já tão grandão. Um com 13, outro com 16.*

M3 *Eu tenho uma de 1 ano e outra de 14.*

M4 *Eu tenho um neto.*

Além da variação na idade dos filhos, era diverso o cotidiano dos filhos, pois cada mulher se comportava de uma forma que possibilitasse a compatibilização da profissão com o dia a dia da prole. Algumas contavam com o apoio familiar para cuidar das crianças, outras se encarregavam pessoalmente dos filhos – dispondo do auxílio de empregada ou deixando-os sozinhos em casa. Não havia, por exemplo, uma organização entre elas ou uma instituição onde pudessem deixar as crianças. Na verdade, seus discursos mostravam que até para utilizar uma creche "tradicional" da cidade era difícil, devido à representação negativa da prostituição e à discriminação sofrida na realidade e no cotidiano da cidade. Um pouco desse cotidiano pode ser observado no trecho a seguir:

MR **E essas crianças, onde estão?**

M1 *A minha filha tá aqui, oh!*

MR **Aqui com você?**

M1 *Eu pago alguém pra olhar fora, entendeu!?*

MR **Você paga particular ou você...?**

M1 *Pago particular!*

MR **Mas não tem nenhum tipo de organização, nenhuma creche entre vocês mesmas? Uma pessoa ...?**

M1 *Se a gente for numa creche e falar que a gente é daqui ninguém vai aceitar os filhos nossos.*

As mulheres usavam todo o dinheiro obtido para manutenção, para o pagamento dos gastos do dia a dia. Não era uma atividade para ganhar um dinheiro extra e realizar alguma compra específica para

em seguida "mudar de vida"¹⁵, era a vida delas. Tudo isso configurava um território de prostituição permanente. Os compromissos com os filhos e com o aluguel, após serem obrigadas a deixarem os bares, eram exemplos de preocupações constantes, como mostra o fragmento:

MR *Me diz uma coisa, o dinheiro que vocês ganham dá para quê?*

M1 *Dá para se manter, comprar roupa, comer...*

MR *Mais ou menos, na média, quanto é que se tira por mês, ou por semana, ou por dia?*

M1 *Às vezes, por dia... tem dia que não faz é nada.*

M2 *Entra mais dinheiro quando é época de pagamento...*

MR *Chega no fim do mês dá para quê?*

M3 *Dá pra pagar o aluguel, dá pra gente comprar uma roupa, um sapato. E a comida!*

MR *Não sobra nada pra poupancinha?*

M4 *Eu, o que eu ganho, é só pra mandar pro meu tio.*

Sobre uso do tempo livre para diversão mais uma vez vemos que a ligação delas com o território era de pouca mobilidade, elas não costumavam sair para se divertirem em outras cidades do DF ou realizar outras atividades fora de Planaltina. Além disso, por serem reconhecidas pela "boa sociedade" de Planaltina como prostitutas, também não se sentiam à vontade para passear nem na própria cidade o que levava a uma situação de pouca mobilidade tanto dentro da cidade quanto no DF. Diversão para elas significava viajar até a terra de origem e mudar de vida, furtar-se momentaneamente da rotina de prostituição:

MR *O dia forte aqui é fim de semana, né?*

M1 *É o sábado.*

MR *Quando é que vocês saem para se divertir, fazer compras?*

M1 *A gente sai de dia e durante a semana, né?*

MR *E diversão?*

M1 *Nós não saímos pra se divertir, é só aqui mesmo. Diversão só quando viaja mesmo, para a casa dos parentes.*

M2 *Eu não tenho mãe nem pai, só fico por aqui mesmo.*

M3 *Às vezes a gente vai pra casa da família e lá a gente muda de vida. Aqui você sai, os homens só vêem você como uma prostituta. Eu não gosto.*

¹⁵ Esse desejo foi observado, por exemplo, em Taguatinga (DF), outra cidade-satélite do DF, entre as mulheres que se prostituíam nos hotéis do centro da cidade. Muitas atuavam escondido até dos maridos e desejavam um dinheiro para alguma situação específica, mas sem interesse de continuar na atividade.

M4 Por aqui todo mundo conhece a gente. A gente sai, ficam olhando.

As mulheres de Planaltina também destacaram os problemas de segurança vividos no cotidiano da atividade e comentaram sobre a ideia de "vida fácil":

MR *Alguém falou em dinheiro fácil. Vocês acham que é ganhar dinheiro fácil?*

M1 Não, é difícil!

M2 É fácil e não é!

M3 Eu acho muito difícil e a gente está arriscando até a própria vida.

M4 Tem gente que não paga a gente. Tem homem que leva a gente pra certos lugares, e fazem o que querem, e manda você ir embora, e fica por isso mesmo. O que você pode fazer?! Isso é fácil? Igual aquele policial mesmo, que eu falei pra vocês, que está aí na frente, que faz sacanagem comigo dentro do carro. Me levou lá para o Morro da Capelinha, safado! É difícil!!! Já me estupraram uma vez no Morro da Capelinha.

A prostituição em Planaltina era representada como algo "marginal", apreciação que era reforçada pelas próprias prostitutas. Nenhum processo de mobilização contra esse tipo de violência foi identificado; não havia luta pela defesa de seus direitos. As condições precárias de trabalho, na visão de algumas mulheres, nem eram passíveis de solução, como pode ser notado em uma das falas:

MR *Eles sabiam que vocês eram daqui?*

M1 Devido à vida da gente aqui, eles aproveitam, entendeu! E aproveitam da gente, porque a gente não tem defesa. É, eles aproveitam muito, as pessoas aproveitam muito da gente aqui, discriminam. Eu acho que isso não é justo, porque isto é um trabalho normal, como qualquer outro. A única maneira que nós temos é essa, você entendeu? Então eu preciso, né!

A percepção delas a respeito da prostituição denotava o assentimento de uma condição de inferioridade. Elas admitiam a existência de problemas, mas pressupunham a impossibilidade de resolução, pois viam esses fatores como inerentes à atividade que realizavam. A passividade dessas prostitutas contrariava os objetivos do Movimento Nacional das Mulheres Profissionais do Sexo¹⁶, que consistem na discussão e na organização da luta contra a exploração.

Após os atos judiciais no período de 1998-1999, as prostitutas viviam instantes de apreensão, pois essas intervenções jurídicas complicaram a permanência das mulheres no local, pois muitos bares foram fechados¹⁷. A entrevistadas associavam as intervenções à localização privilegiada da área no conjunto da cidade e admitiam a disposição em ocupar um ponto mais distante.

M1 Mas, pelo menos, se dessem algum lugar pra gente aqui perto, algum lote, para as donas de casa construírem aqui perto; um lugarzinho afastado poderia ser bem melhor.

¹⁶ Essa visão inovadora, defendida por Moraes (2000), estava sendo gradativamente incorporada e ao mesmo tempo discutida por pesquisadores do mundo todo.

¹⁷ Jornal de grande circulação no DF divulgou uma notícia confirmando esta mudança. https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2010/02/08/interna_cidadesdf,172057/prostitutas-de-planaltina-amargam-o-fechamento-dos-bares-e-o-consequente-sumico-dos-clientes.shtml

Muitas delas não podiam mais morar na zona, pois, por exemplo, os gastos com aluguel na área central de Planaltina inviabilizavam sua permanência nas proximidades da avenida Marechal Deodoro, onde, segundo as mulheres, a moradia era mais cara:

MR *E o aluguel, quanto é o aluguel?*

M1 *Aluguel aqui é R\$ 100,00.*

MR *Aqui na própria zona...?*

M1 *Não, aqui agora é tudo fechado.*

MR *É um quarto no mesmo estilo desse aqui? São quartos pequenos?*

M1 *São quartos pequenos.*

MR *R\$ 100,00 cada quarto?!*

M1 *Cada quarto é R\$ 100,00, o mais barato. Fora água e luz. Não, aqui é caro, é um absurdo. Aqui é tudo caro. Fora daqui você arruma uma casa e é baratinho o aluguel. Agora, aqui perto da zona, tudo é caríssimo. Todo quarto é R\$ 100,00, 150,00 e paga água e luz. Aparece tanta coisa pra gente pagar, né?*

O território de prostituição foi aos poucos se enfraquecendo e desestruturando, pois o número de mulheres e também de clientes no local diminuiu consideravelmente.

MR *Quantas mulheres tem, mais ou menos, normalmente, não agora que está fechado?*

M1 *Tinha muita mulher.*

MR *Muita o quê? 50?*

M1 *Tinha mais. Só aqui na casa onde que eu moro, tinha 20 mulheres. Cada casa tinha umas 10.*

M2 *Tinha mais. Quando as casas estavam abertas, funcionavam todas, né? Mais ou menos, umas 20 casas. Tinha mais de 100 mulheres*

A mudança para outras cidades e áreas de prostituição do Distrito Federal e do Entorno, com o fechamento dos quartos, foi notória, bem como o retorno para o local de origem. Nas palavras delas:

M1 *...tem muitas mulheres aqui por perto, né. (...) Algumas passaram a fazer o ponto em outras boates, no Plano Piloto (centro de Brasília). Viaja, gasta.*

MR *A maioria foi procurar outro canto, né?*

M1 *As inquilinas mudaram, umas foram para outra cidade.*

M2 *Agora, se abrir, as mulheres voltam tudo.*

M3 *As de Goiânia voltaram para Goiânia, foram arranjar outro lugar pra ficar.*

Após as intervenções, a avenida Marechal Deodoro apresentava clara inclinação para decadência. Muitas casas foram completamente abandonadas chegando a uma completa deterioração física dos

imóveis; fortalecera-se a pressão da comunidade local sobre a área, que começava a passar por um processo de revalorização, uma vez que as áreas próximas à Avenida Marechal Deodoro ficaram mais valorizadas ao longo do tempo. Algumas mulheres quiseram permanecer em Planaltina em virtude de fatores emocionais, uma vez que, ao longo dos anos, haviam consolidado uma ligação afetiva com o território de prostituição e com a cidade.

Elas se questionavam sobre as oportunidades fora dali, demonstrando insegurança para enfrentar o deslocamento. Na verdade, o fechamento dos quartos interferiu na organização e no funcionamento da atividade, sem que os interventores se preocupassem com essas mulheres que eram moradoras da cidade de Planaltina e que viviam naquele território e que com ele, haviam criado uma identidade, a saber:

MR *E como é que vocês olham para frente? Todo mundo aqui concordou que aqui tem um ambiente a que vocês se apegaram, em que se sentem bem?*

M1 *Daqui pra frente, a gente nem sabe, pois o pessoal está querendo fechar tudo.*

M2 *Mas essa é uma profissão que é como jogador de futebol, tem a hora de pendurar a chuteira, né?*

M3 *Eu acho complicado... quando a gente for sair daqui qual a profissão que a gente vai ter?*

Para algumas das entrevistadas, o futuro se mostrava incerto e a preocupação com a família era grande:

M1 *Ganhar um salário e meio é difícil. Pagar babá, pagar as coisas e trabalhar fora... (...) já vai quase um salário, se for fazer as contas. Pagar babá e trabalhar fora, vai vestir o quê? (...) Então a gente tem que ver alguma coisa, porque a única função que a gente tem é isso aqui.*

Essas intervenções provocaram alterações na atividade e no cotidiano das mulheres. As que insistiam em continuar em Planaltina passaram a atuar em outras áreas da cidade, especialmente nas ruas e nos hotéis, instalando-se inclusive nas proximidades de uma igreja do Setor Tradicional. Essa situação não acabou com a prostituição. Na realidade, os reflexos dessas intervenções que não consideraram as características do grupo, as necessidades e os interesses das mulheres, acabaram por não produzirem efeitos definitivos. Vemos que, em Planaltina, as mulheres reorganizaram-se no espaço e, com isso, reorganizam a atividade:

MR *Como é que vocês estão fazendo? Onde é que estão fazendo ponto, onde estão fazendo o programa?*

M1 *Nós damos um jeitinho para tudo, não adianta, o juiz pensa que vai fechar a zona, vai ficar sem trabalhar. Nós vamos trabalhar do mesmo jeito!*

M2 *Muitas mulheres passam a atender no hotel, muitas vão para o hotel, muitas ficam em casa.*

M3 *Às vezes, a gente faz o programa na casa dos fregueses, eles levam. Tem muita opção, tem várias opções.*

M4 Eu, pelo menos, eu mesmo, eu passei a pagar um aluguel de um quarto para poder trabalhar. É ... onde eu moro. Pago aluguel lá, moro e faço o programa.

Segundo confirma o delegado entrevistado em 1998, na antiga Delegacia de Costumes e Diversões Públicas (DCDP), a transferência das mulheres para as cidades do Entorno foi notória. Ele demonstrava preocupação com essa transferência, pois não havia, especialmente até 1998, um convênio entre a polícia do DF e a do Entorno para atuarem no combate à prostituição infantil, por exemplo. Havia também um problema de jurisdição que limitava o trabalho da polícia ao território do DF:

Essas garotas estão indo para Planaltina de Goiás, em um estado onde não há um combate extremo da prostituição. (...) O uso dos quartos era a facilidade primordial de lá [ZBM]; dava pra tirar o sustento deles todos. Por quê? Tem casa lá que tinha 15 quartos. As prostitutas ficavam lá na frente, o cliente pedia pra ir pro quarto, facilitava tanto para o cliente quanto para a prostituta. Hoje não, o cliente vai na zona, mas de lá não tem pra onde ir. Se ele quiser, tem que pagar motel ou fazer dentro do carro. E não é interessante pro cliente. Se não tiver cliente, não vai ter prostituta. Então, houve essa diminuição em função da desativação desses quartos. (DCDP, 1998)¹⁸

Enfim, toda a intervenção para a extinção da zona provocou alterações na rotina das mulheres, e, por conseguinte, alterou a organização socioespacial das mulheres profissionais do sexo na cidade. O território de prostituição (ZBM, da avenida Marechal Deodoro), enquanto ambiente fechado, constituído, fortalecido e mantido pelo grupo, foi atingido em cheio. Para os interessados na retirada das mulheres, a ação do Ministério Público teria sido um sucesso, e o objetivo teria sido alcançado. Para as prostitutas, no entanto, a verdadeira erradicação da prostituição na cidade era algo inconcebível. Mesmo que fossem definitivamente retiradas do local, elas se reorganizariam e redirecionariam a atividade para outros pontos da própria cidade de Planaltina ou do Distrito Federal e até mesmo do Entorno (especialmente Planaltina de Goiás).

E, atualmente, como está a situação da prostituição na cidade? A pesquisa de Oliveira Costa (2018) é um material recente que nos dá um indicativo para concluir o presente artigo, reafirmando que a tentativa de acabar com a prostituição tradicional em bares em Planaltina (DF), da maneira como foi executada em 1998/1999, não teve um efeito definitivo, o que fica claro no trecho abaixo que aponta, em 2018, a existência de bares e da prostituição tradicional na cidade:

Há alguns anos ela (a dona do Bar) acolhia prostitutas em sua casa e tinha contato com as mais diversas histórias de vida. As mulheres trabalhavam em seu bar e muitas delas dormiam em quartos específicos, os mesmos utilizados para a realização do programa. Cabe ressaltar que o bar-cabaré é um espaço grande e em seus fundos existe uma casa onde a dona do local mora com sua companheira. (Oliveira Costa, 2018, p. 43)

Deixaremos em aberto algumas perguntas para futuras reflexões e/ou pesquisas: como se configura espacialmente, na atualidade, a prostituição feminina na cidade de Planaltina? Será que a antiga prostituição tradicional da cidade ainda persiste ou ela sofreu mudanças socioespaciais e/ou

¹⁸ Trecho de entrevista realizada com Delegado da antiga Delegacia de Costumes e Diversões Públicas no ano de 1998.

incorporações de novas modalidades de prostituição? As atuais características da atividade na cidade e a dinâmica socioespacial, as relações de conflito no espaço, a mobilidade dos(as) profissionais do sexo e a ligação afetiva com o território, constituem-se em campos férteis para novas abordagens.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, procuramos compreender um pouco do *tempo* e do *espaço* da prostituição feminina em Planaltina (DF) nos anos de 1998 e 1999. Nessa cidade-satélite, a prostituição feminina era originalmente praticada em bares ("bares-cabarés"), que também serviam de moradia para as mulheres que se prostituíam e essas características avançaram no tempo, mesmo com tentativas variadas de retirada da prostituição. Na localidade conhecida como "zona de baixo meretrício" (ZBM), as mulheres vinham há décadas atendendo pessoas de diversas regiões do DF e até mesmo do entorno e isso criou um vínculo das mulheres com o lugar.

Vimos que, no final de 1998 e no ano de 1999, ocorreram intervenções do Ministério Público na antiga ZBM e algumas ações dos policiais e de ordem administrativa. O objetivo dessas ações que era fechar as casas de prostituição, refletindo na atividade naquele local, enfraqueceram a prostituição tradicional historicamente construída, mas não tiveram os resultados esperados ao longo do tempo. Isso porque entendemos que não considerar as individualidades e particularidades do grupo, constitui-se em uma limitação que pode levar diferentes atores (o profissional da área da saúde, o administrador, o delegado, o juiz) a erros de atuação e planejamento. As tentativas de acabar com a prostituição em Planaltina, por exemplo, levaram a (re)criação de novas estruturas de organização na própria cidade (hotéis, ruas, casas alugadas) e ao incremento da prostituição em outras áreas.

A prostituição nas cidades é diversa e complexa, e os estudos e os projetos que incorporam uma série de representações cotidianamente assimiladas na sociedade podem difundir visões equivocadas, que não correspondem à realidade vivida, fortalecendo os estereótipos existentes em relação ao grupo. Do ponto de vista da análise socioespacial, é importante considerar os atores e suas histórias na constituição do lugar. Portanto, o foco é a busca da interpretação e não apenas da descrição em relação aos territórios de prostituição e em relação à cidade. A invisibilidade, que não é, muitas vezes, considerada, precisa ser compreendida como valor e como parte da história da cidade de Planaltina.

Neste artigo, procuramos destacar que: 1) a prostituição nas cidades acompanha o movimento histórico mais amplo, deslocando-se e adequando-se em função dos condicionantes externos (atitudes políticas e econômicas mais gerais) e dos condicionantes internos (intervenções institucionais decorrentes de influências de grupos locais); 2) as transformações ocorridas no espaço urbano de Planaltina (DF) significaram o não enquadramento da zona na cidade; 3) os depoimentos das mulheres que se prostituem proporcionam uma visão mais penetrante do cotidiano e dos sentimentos a respeito do território que a simples descrição dos registros históricos e de organismos oficiais; e 4) as prostitutas possuem grande capacidade de adequar-se às cidades, tornando pouco eficazes as intervenções estatais forçadas e que não consideram os interesses do grupo.

Por fim, destacamos que os fenômenos estudados pela Geografia tendem a compor sistemas interligados e que é importante aprofundar o olhar geográfico para a compreensão da dinâmica dos territórios da prostituição. Desse modo, ao resgatarmos um estudo de caso na cidade de Planaltina e compreendermos seu passado, contribuimos para análises que buscam visualizar o processo de evolução da prostituição feminina no Distrito Federal. A partir disso, também é possível realizar novas reflexões e conexões com a situação passada e atual de profissionais do sexo dessa e de outras cidades brasileiras.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Andrade, O. de. (1970). *Os Condenados*. (Trilogia). Rio de Janeiro.
- Anjos Jr., C. S. V. (1980). *A Serpente Domada: um estudo sobre a prostituta de baixo meretrício*. Universidade De Brasília.
- Dias, P. dos S. (1999). *A geografia do comércio sexual feminino no DF e entorno*. Universidade de Brasília, Brasília.
- Dias, P. dos S. (2003). *Passos Perdidos: Um estudo sobre a prostituição feminina na cidade de Planaltina-DF*. Brasília.
- Moraes, A. F. (2000). *Mulheres da Vila: Prostituição, Identidade Social e Movimento Associativo*. 1996. Ed. Petrópolis, Rj.
- NESP. (1999). *Pesquisa: comércio sexual feminino e epidemia do hiv/aids no DF e entorno*. Brasíliafape/ Nesp/ Ceam/ Unb.
- Oliveira Costa, A. C. (2018). *Putas Mulheres: compartilhando saberes, construindo o cuidado*. Universidade De Brasília, Brasília.
- Rago, M. (1987). Prazer e Perdição: a representação da cidade nos anos vinte. *Revista Brasileira de História*, V. 7, N. 13, P. 77–101.
- Rocha, I. C. C. D; Oliveira, R. A. (2001). Zbm: Em teu silêncio, o grito de tantos. *Outros 500, Outros 40: História, Cultura e Memória.*, V. 29, 2001.
- Tácito, H. [Pseudônimo de J. M. de T. M. (1977). *Madame Pommery*. 3. Ed. São Paulo: Academia Paulista de Letras.